

QUESTIONANDO A NEUTRALIDADE NA CIÊNCIA: UMA DISCUSSÃO CONTEMPORÂNEA SOBRE A ANÁLISE DO COMPORTAMENTO.

Justificativa: Esta mesa redonda tem como ponto de partida discussões contemporâneas do modelo de ciência moderno. Esse modelo de racionalidade científica, construído a partir do século XVI, vem sofrendo duras críticas nas últimas décadas em diferentes áreas de conhecimento (sociologia das ciências, filosofia das ciências, história das ciências). Muitas dessas críticas têm como alvo a imagem de total imparcialidade e neutralidade que o conhecimento científico construiu durante a modernidade. Com isso, uma série de “cortes epistemológicos” foram operados, como ciência e senso comum, fatos e valores, razão e crença, criando domínios aparentemente incompatíveis. As análises contemporâneas têm mostrado que essa separação é apenas aparente. No último século, por exemplo, a ciência teve profundo impacto no senso comum, sobretudo na sua faceta tecnocientífica, criando demandas e tentando se firmar como referência para tomadas de decisão. Além disso, cada vez mais se torna evidente a valoração dos fatos científicos, seja no sentido da atribuição de um valor de verdade para aquilo que é “cientificamente comprovado”, seja na vinculação estreita entre produção científica e mercado consumidor. Como decorrência desse papel de destaque que a ciência moderna ocupou, têm se tornado comuns defesas apaixonadas de questões metafísicas por cientistas, como se vê nos acalorados debates entre teístas e ateus. No caso da Psicologia, muitos dos chamados sistemas psicológicos surgiram na primeira metade do século XX, em um período em que a crítica à ciência moderna era ainda incipiente. Isso faz com que o posicionamento dessas propostas de psicologia frente ao debate contemporâneo sobre a ciência seja um assunto atual e de extrema relevância para o futuro da Psicologia. Pautando-se nessas discussões, esta mesa redonda pretende contribuir neste sentido: discutindo possíveis impactos do debate sobre o modelo de ciência moderno na Análise do Comportamento. Trata-se não só de examinar contribuições que a Análise do Comportamento pode oferecer para esse debate, mas também de apontar eventuais conflitos entre as análises contemporâneas e interpretações razoavelmente consolidadas dessa proposta de psicologia científica. Os integrantes da mesa redonda são pesquisadores com produção expressiva no assunto, e que podem alavancar um debate interessante e produtivo para o futuro da Análise do Comportamento no Brasil. Os assuntos abordados nas apresentações questionarão sistematicamente alguns dos principais “cortes epistemológicos modernos” na interpretação da Análise do Comportamento. Em primeiro lugar, aborda-se o lugar ocupado pelas crenças no modelo de ciência moderno, e como isso pode ter influenciado algumas interpretações bastante difundidas, embora questionáveis, sobre a Análise do Comportamento. Trata-se de atacar a visão moderna de que o cientista do comportamento opera sem qualquer crença, é neutro e desinteressado, pois está do lado dos fatos. Argumenta-se que a concepção de um cientista neutro parece incongruente com as críticas analítico-comportamentais ao sujeito iniciador, abrindo caminho para a necessidade de uma definição de crença na Análise do Comportamento. A segunda apresentação faz uma leitura crítica da relação entre fato e valor na história da ciência moderna em geral, e na Análise do Comportamento em particular. Novamente, trata-se de denunciar um dos mais famosos “cortes epistemológicos” da ciência moderna, que cria a visão de que fatos científicos não são, e não devem ser, “contaminados” por valores. No limite, ataca-se o problema da neutralidade científica pelo argumento de que se os fatos são puros e se o cientista lida com fatos, o cientista é neutro. O argumento crítico consiste em mostrar que a “valoração dos fatos” está presente desde o alvorecer da ciência moderna, algo que muitas vezes parece ser ignorado na interpretação da proposta skinneriana. Por fim, a terceira apresentação, já

partindo da impossibilidade de defesa da neutralidade do cientista, explorará relações entre alguns elementos idiossincráticos da vida acadêmica e institucional de Skinner e o modo de institucionalização da comunidade científica fundamentada em sua ciência do comportamento. Trata-se de mostrar que aspectos biográficos de Skinner podem explicar alguns dos contornos da comunidade de analistas do comportamento. Aqui o argumento crítico é que os contornos de uma comunidade científica não são ditados exclusivamente pelas descobertas, avanços, ou por dados e aspectos lógico-metodológicos. Diferente disso, questões circunstanciais, e que geralmente são consideradas “externas” ao empreendimento científico, podem desempenhar um papel crucial. Consequentemente, argumenta-se que a compreensão da constituição e do “funcionamento” da comunidade científica da Análise do Comportamento deveria apelar para uma fonte que tradicionalmente foi desprezada na historiografia da ciência moderna, a biográfica. Diante desse quadro apresentado pela mesa, fica como questão geral: a Análise do Comportamento no Brasil, atualmente, reproduz ou rompe com essa “tradição moderna”?

HIST - História em Psicologia

HÁ LUGAR PARA AS CRENÇAS NA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO? *Carlos Eduardo Lopes* (Departamento de Psicologia, Laboratório de Filosofia e Metodologia da Psicologia. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR)

O papel das crenças na prática científica é um assunto controverso na história da ciência moderna. Desde o alvorecer da modernidade, observa-se um crescente conflito entre fé e razão na busca pelo conhecimento verdadeiro. Como resultado desse conflito, a racionalidade moderna, por vezes, tentou desvincular crença de descoberta científica, argumentando que as verdades da ciência independiam de crenças individuais. Além disso, desde a doutrina dos Idola de Bacon até a célebre frase de Newton, *hypotheses non fingo*, tornou-se cada vez mais comum o argumento de que não se deve antecipar os resultados de uma pesquisa, o que equivale a dizer que as crenças devem ser banidas do fazer científico, de modo a evitar a “contaminação” dos dados. Nessa mesma direção o instrumentalismo científico de orientação positivista parece defender que aspectos teóricos na ciência são apenas “hipóteses de trabalho”, que só devem ser mantidos enquanto forem úteis para se atingir os objetivos da ciência; isso quer dizer que a adoção de modelos teóricos não deve ser acompanhada pela crença em tais modelos. Muitas vezes a interpretação que se faz do Comportamentalismo Radical segue essa tradição. De um lado, defende-se que o dado, objetivo e imparcial, é quem dá a última palavra, reiterando o distanciamento entre fatos e valores, entre ciência e crença. De outro lado, argumenta-se que o cientista do comportamento não defende uma metafísica, não tem uma visão de mundo, mas apenas adota enunciados teóricos como hipóteses úteis, sem realmente acreditar nelas. Este trabalho tem o objetivo de questionar essa interpretação bastante difundida por analistas do comportamento. Em primeiro lugar, tentamos denunciar a inconsistência que há na defesa de um sujeito neutro na Análise do Comportamento: quando se defende que quem faz ciência é um sujeito isento, autônomo, imparcial, abre-se o caminho para o eu iniciador, amplamente criticado por Skinner no decorrer de sua obra. Em segundo lugar, discutindo alguns pontos de aproximação com o pragmatismo de William James buscamos esclarecer o lugar da crença na produção de conhecimento científico. Isso será feito com base no exame da distinção entre comportamento modelado por contingências e comportamento governado por regras. Afastando-se de uma interpretação apressada dessa distinção,

tentaremos argumentar que as crenças estão do campo do comportamento modelado por contingências e, portanto, não devem ser confundidas com regras. Com isso, talvez seja possível responder a críticas, sobretudo de psicoterapeutas cognitivistas, que denunciam a incapacidade da Análise do Comportamento de apresentar um tratamento satisfatório para as crenças.

Palavras chave: Análise do Comportamento; crença; ciência.

Doutorado - D

HIST - História em Psicologia

PREVISÃO E CONTROLE DO COMPORTAMENTO: UMA DISCUSSÃO ÉTICA DOS VALORES DA CIÊNCIA DE B. F. SKINNER. *Carolina Laurenti* (Departamento de Psicologia, Laboratório de Filosofia e Metodologia da Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR)

Discussões no âmbito da epistemologia e sociologia das ciências têm questionado a aliança, típica da ciência moderna, entre fatos, método experimental e técnica, que subsidiou a meta de controle da natureza com o fito de promover a emancipação humana. Tais questionamentos atacam os fundamentos dessa aliança, a começar pela dicotomia entre fatos e valores, passando pela identificação dos efeitos deletérios do circuito entre ciência e técnica viabilizado pelo método experimental, chegando a atingir a suposta identidade entre controle da natureza e emancipação humana. Um dos argumentos que surgem no contexto desse debate é de que a ciência deveria ser menos operativa e mais contemplativa, no sentido de conhecer mais os efeitos nocivos de suas práticas científicas na sociedade. Trata-se, pois, de a ciência se dedicar a uma discussão ética dos valores que orientam suas intervenções, pelo menos com o mesmo afincamento com que faz no tocante às questões operacionais do método científico. O discurso científico inicial da Análise do Comportamento reproduziu a aliança da ciência moderna ao especificar que o objetivo do analista do comportamento é encontrar, por meio do método experimental, regularidades no comportamento dos organismos, capazes de fundamentar uma tecnologia comportamental, voltada para controle e predição do comportamento. Contudo, é digno de nota que o modelo skinneriano sofreu mudanças. Por exemplo, em alguns de seus textos, Skinner deu indícios das limitações do método experimental como fonte exclusiva de produção de conhecimento sobre o comportamento, abrindo o flanco para o emprego de outros métodos de investigação. Além disso, análises skinnerianas das agências de controle e da relação do cientista com essas agências sugerem que as pretensões do psicólogo americano quanto ao controle e à previsão do comportamento tornaram-se mais ponderadas e reticentes. Skinner também acrescentou a interpretação como um dos objetivos da ciência do comportamento, ao lado da previsão e do controle. Não obstante essas mudanças, o ensino de Análise do Comportamento ainda vincula de modo irrestrito essa proposta de psicologia científica ao método experimental e aos ideais de previsão e controle do comportamento. Além disso, algumas tentativas de extensão do modelo skinneriano de explicação do comportamento às práticas culturais, âmbito da antropologia e sociologia, vêm acompanhadas de uma proposta de estudo experimental dessas práticas, o que acaba endossando, agora em nível cultural, os valores de controle e previsão do comportamento. Pautando-se nessas discussões, o objetivo deste trabalho é reavaliar a aliança entre a ciência skinneriana e os ideais de previsão e controle do comportamento. Em primeiro lugar, será explicitado o caráter valorativo desses ideais, derivando algumas consequências éticas da manutenção desses valores na ciência analítico-comportamental contemporânea. Em segundo lugar, serão discutidas algumas propostas de redefinição dos valores da ciência skinneriana à luz de discussões atuais acerca do papel regulatório da ciência na sociedade. Reavaliar os ideais de previsão e controle do comportamento, longe de descaracterizar a ciência skinneriana como o estudo do comportamento em seu próprio domínio, situa esse estudo no debate sobre a responsabilidade social do cientista na contemporaneidade.

Palavras chave: ciência do comportamento; previsão e controle; ética

Doutorado - D

HIST - História em Psicologia

B. F. SKINNER E A NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA DO COMPORTAMENTO DO CIENTISTA. *Robson Nascimento da Cruz (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG)*

A biografia, no século XIX e durante quase todo o século XX, foi concebida como um gênero literário de segunda categoria. Biografia e história, mais do que não se comunicarem, apresentavam antagonismos profundos. A biografia era compreendida como saber subjetivista e desprovido de erudição; enquanto a história era apreciada como ciência, objetiva e culta. Todavia, a partir dos anos oitenta do século passado, uma significativa mudança ocorre nesse cenário. Desde então, é crescente o interesse pela biografia como um campo de estudo e fonte de pesquisa respeitável. Como, por que, por quem e para quem ela é escrita, as prováveis classificações de uma biografia, seu caráter mimético, seu impacto na consciência histórica, seu papel na cultura pós-moderna, entre outros fatores, tornaram-na objeto de estudo de diferentes campos do conhecimento. Na historiografia da ciência e, por sua vez, na historiografia da psicologia os efeitos dessas mudanças foram evidentes. Historiadores da psicologia têm, assim, exposto a utilidade deste tipo de fonte, uma vez que biografias e autobiografias de personagens históricas dessa ciência fornecem acesso a elementos do comportamento científico inexistentes em outras fontes. Considerando essas novas possibilidades de uso de fontes biográficas na historiografia da psicologia, o objetivo geral deste trabalho é analisar a relação entre a vida acadêmica e institucional de B. F. Skinner e a organização comunitária da análise do comportamento entre 1928 e 1970. Esse estudo será pautado no exame da autobiografia de Skinner, trabalho apresentado em mais de mil páginas de um minucioso relato de história de vida, e de relatos autobiográficos e biográficos da primeira e segunda geração de analistas do comportamento. O argumento central é de que a história dessa ciência, como disciplina científica, foi definida em suas quatro primeiras décadas por uma extensão de elementos idiossincráticos (padrões históricos e comportamentais) da vida acadêmica e institucional de Skinner para aquilo que será identificado, nas décadas de 1950 e 1960, como uma comunidade científica fundamentada em sua ciência do comportamento. Tais elementos idiossincráticos foram: o desconhecimento e a negligência da produção científica da psicologia por parte de Skinner; a manutenção da liberdade científica e institucional; o reconhecimento da sua figura científica desvinculado da ampla aceitação e adesão de seu sistema explicativo na psicologia experimental estadunidense; e sua preferência por relações informais na ciência. Após apresentação de como esses padrões refletiam-se na vida comunitária de uma disciplina científica, será discutida a função da história biográfica da psicologia como meio de lidar com elementos descartados na historiografia da ciência, a exemplo daqueles relacionados à escala microssocial de seu funcionamento. Por fim, será debatida a relevância de fontes biográficas e autobiográficas na historiografia da psicologia como meio de retomar debates na arena social da ciência. Tal debate pode dar visibilidade à complexidade do comportamento do cientista como resultado de fatores nem sempre explícitos, que ultrapassam a descrição lógica da ciência.

Apoio financeiro: Capes

Palavras chave: história da psicologia; biografia científica; B. F. Skinner.

Doutorado - D

HIST - História em Psicologia